

ADJETIVOS EM LUTA

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

19-12-59

Pelo que leio nos jornais de hoje, Curitiba está de pésames. Sim senhora, de pésames. Então, só porque um comerciante sírio agride um militar curitibano levanta-se a população e depreda as lojas e residências de outros sírios? Este procedimento parece-me pouco inteligente, porque não foi "enquanto sírio", com deputação dos outros membros da colônia, que o sírio bateu no militar. Não consta no noticiário que o agressor tenha usado bandeiras e cantado hinos, no ato de agressão, de modo a justificar o alastramento da responsabilidade pelo denominador comum da nacionalidade. Assim, meus amigos, ninguém pode estar tranquilo em casa e na consciência, porque cada um de nós tem inumeráveis denominadores comuns com o resto da humanidade. Se amanhã um homem de pouco cabelo agri-

de um militar em Curitiba, desencadear-se-á no dia seguinte um São Bartolomeu dos carecas. Se era gago o agressor, serão gagos os agredidos do dia seguinte. Se era ruivo, escondam-se os ruivos da cidade. E assim por diante.

Pensando melhor, vejo que os curitibanos foram vítimas de uma ilusão filosófica e de um equívoco gramatical. Provavelmente espalhou-se a notícia do acontecimento como aqui nos chegou: um sírio espancou um militar. Ora, apresentado o fato deste modo, os curitibanos pensaram que um adjetivo pudesse agredir outro adjetivo, e saíram a desagrar a afronta do adjetivo nacional nas lojas e residências dos adjetivos estrangeiros. Meus caros amigos, quem espanca é a pessoa, não é a qualidade; é o substantivo próprio, Fulano de Tal, não é o atributo. Deixem-me agir por conta própria, deixem-me escrever meus artigos, com acertos ou desacertos, sem sentir que minha responsabilidade se alastra e se subdivide indefinidamente. Já observei que há uma crise que se reveste de aspectos múltiplos e nomes variados: cllassismo, nacionalismo, regionalismo, etc. e que merecia um nome só: despersonalismo. Todo mundo quer ser ninguém.

Agora acode-me ao espírito que tenho um sobrinho querido em Curitiba, com o mesmo nome pouco comum que assina esta crônica. Não vão os curitibanos irados descarregar na família do meu sobrinho a cólera que por descentura suscitar esta minha crônica. Não quero brigar com ninguém, mas também não quero viver em um mundo fantástico, aterrador, dantesco, poesco, em que adjetivos agridem adjetivos. É só por isso que lavro aqui o meu protesto, que não é carioca, nem envolve outras pessoas de poucos cabelos ou de cabelos brancos. Mas só agora percebo que caí no mesmo erro! Também não se enviam pésames a adjetivos!